



## ***Xenogênese* como alegoria de um futuro pós-humano: intersecções de tecnologia e ciência na perspectiva de Octavia E. Butler**

Camila Americano Lanhoso<sup>1</sup>

### **Resumo**

Focalizamos a trilogia literária *Xenogênese*, de Octavia E. Butler, autora de ficção científica, mulher negra que viveu em Pasadena, na Califórnia, epicentro do capitalismo tardio pós-fordista. Escrita no auge da expansão da indústria das ciências da vida, na década de 1980, a trilogia é formada por *Despertar* (2018 [1987]), *Ritos de passagem* (2019 [1988]) e *Imago* (2021 [1989]), e trata da origem do estranho, do desconhecido, do alienígena. Inscrita em um futuro pós-humano, explora temas de interesse da antropologia e da ficção científica, como a intrincada relação entre capitalismo, raça, gênero, deficiência e biotecnologia (Dowdall, 2017), especialmente a alteridade enquanto ética da transformação ontológica da relação do humano com o não-humano, o inumano e o pós-humano (Gomel, 2014). Sua personagem principal, Lilith Yiapo, desperta 250 anos após uma guerra nuclear ter devastado a Terra. Sob a guarda dos seres alienígenas Oankali, a protagonista tem a missão de despertar outros humanos sobreviventes da catástrofe e (re)povoar o planeta. Os oankalis são seres híbridos com tentáculos sensoriais, que viajam pelo espaço intergaláctico em busca de outros seres sencientes para a permuta genética necessária à sobrevivência da própria espécie, composta por machos, fêmeas e ooloi (nem macho nem fêmea); objetivam criar uma nova sociedade híbrida, de humanos e oankalis, os *constructos*. Todos têm a habilidade de decifrar a bioquímica genética, mas somente os ooloi podem manipulá-la para gerar descendentes. Nossa hipótese tem como base os estudos de Gomel (2014) e Dowdall (2017), que entendem a trilogia como uma narrativa sobre o processo de assimilação (neo)colonial, tecendo críticas ao capitalismo neoliberal norte-americano, em que a biotecnologia extrai o (bio)valor e o explora via seleção genética, reprodução humana, racismo científico e eugenia.

Palavras-chave: Octavia Butler, xenogênese, ficção científica, pós-humanismo

### **Introdução**

O escritor e ensaísta argentino Juan José Saer (2004) contribuiu de maneira significativa para os campos da filosofia, literatura e antropologia, ao refletir sobre a zona fronteira entre

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

ficção e realidade. Ele chama a atenção para o caráter duplo da ficção, que mistura o empírico ao imaginado, propondo uma *antropologia especulativa*. Para Alexandre Nodari (2015), este conceito está relacionado à crise generalizada que a sociedade contemporânea enfrenta, seja ela ecológica, econômica, política, social, civilizacional ou global. O ponto crítico da crise é a dimensão do Humano (no maiúsculo, dada a influência do Humanismo), um ser que acabou por se tornar um agente geológico, capaz de transformar e alterar todas as condições de existência na Terra, cuja era é denominada em diversos campos de conhecimento – das ciências duras às humanidades – de Antropoceno.

A relação entre o empírico e o imaginado, ou entre as dimensões objetiva e a subjetiva, na contemporaneidade, foi problematizada no curso *Antropologia especulativa nos tempos do Antropoceno: o caso da ficção científica*, ministrado em 2017, no Museu Nacional (UFRJ) por Eduardo Viveiros de Castro, Eric Silva Macedo e Déborah Danowski. A principal proposta do curso foi especular sobre os imaginários contemporâneos criados pela ficção científica, que introduziu a figura do alienígena ou extraterrestre para interrogar os sentidos do humano, do não humano, do inumano e do extra-humano. Em outras palavras, tratava-se de considerar e explorar a ficção especulativa como *mitofísica* popular. Viveiros de Castro e Déborah Danowski (2014) criaram tal palavra a partir da metafísica, designando as mitologias contemporâneas criadas sobre fim de mundos que podem se materializar.

Para além da interrogação dos sentidos do humano, podemos dizer que a ficção científica é capaz de especular sobre diferentes dimensões ontológicas, ao representar alteridades animais, maquínicas, humanas, alienígenas, espectrais e viróticas. De maneira bem resumida, Castro, Macedo e Danowski indicam que:

Sobressaem, nas narrativas de encontro entre alteridades extraterrestres, aspectos que remetem a relações interespecíficas, interétnicas, de gênero e interculturais, assim como relações de predação, de extermínio, de colonização — o alienígena faz *vari*ar as relações que, na Terra, articulam dimensões intra e interespecíficas, fragmentando o ‘humano’ segundo alianças multiformes, antagônicas entre si, com o extrahumano, seja ele orgânico ou inorgânico (2017: 2).

As diferentes dimensões ontológicas que aparecem no gênero de ficção científica incorporam diferentes modalidades éticas, descentralizando o que conhecemos por humano. Pensadoras como Donna Haraway, Katherine Hayles, Rosi Braidotti, entre outras, consideram que a FC pode trazer à tona discussões críticas sobre o humanismo – sendo ele uma construção

ideológica e histórica que justificou a dominação da civilização ocidental cristã, patriarcal e capitalista – embora nem sempre as narrativas desse gênero possam potencial iconoclasta, podendo também reforçar o antropocentrismo, o etnocentrismo e o colonialismo, ao tratarem de encontros entre humanos e não humanos. A esse respeito, Elana Gomel (2014) aborda três diferentes cenários de encontros com alienígenas: a confrontação, a assimilação e a transformação.

As narrativas literárias sobre confrontação entre humanos e alienígenas são lugar comum em diversos enredos de FC, como *The War of the Worlds*, de H.G. Wells, *Starship Troopers*, de Robert Heinlein, por exemplo, em que os segundos têm a pretensão de invadir, colonizar ou subjugar os primeiros, pela mesma razão que humanos invadiram, colonizaram e subjugaram diversos povos e civilizações ao longo da história. A assimilação, por sua vez, é definida por Gomel (2014) como *ethos* militarista de confrontação com uma alternativa “pacífica”, ao hibridizar humanos e alienígenas, pressupondo similaridades ontológicas entre ambos, em uma narrativa pós-colonial e feminista, trazendo a trilogia *Xenogênese* de Octavia Butler como exemplo, além de outras obras como *The Fifth Head of Cerberus*, de Gene Wolfe, e *The Color of Distance*, de Amy Thompson. Já nos encontros mediados pela transformação, o alien é radicalmente o Outro, sendo cognitivamente inacessível e ontologicamente diferente. O contato entre humanos e alienígenas sugere que a alteridade alienígena remodela ou transforma o humano de maneira profunda, a exemplo de *Solaris*, de Stanislaw Lem e *Story of your life*, de Ted Chiang (GOMEL 2014).

Ao iniciarmos o artigo com a definição de antropologia especulativa, procuramos situar a ficção científica como *mitofísica* popular, que busca trazer à tona experiências com a alteridade, como a especulação de possíveis encontros com alienígenas. Considerando a hipótese aventada por Elana Gomel de que a obra *Xenogênese* de Octavia Butler retrata cenários envolvendo o assimilacionismo, leva o leitor a estabelecer certas correspondências com a realidade em que a autora está inserida, como o surgimento de novos mercados impulsionados pelo neoliberalismo, em um processo de expansão (neo)colonial norte-americano no mundo pós Guerra Fria. Desse modo, o artigo está estruturado da seguinte maneira: abordamos, em um primeiro momento, o contexto social, cultural e político de publicação da trilogia, bem como seus aspectos estéticos. Em seguida, buscamos recuperar, em sequência, as narrativas de *Despertar*, *Ritos de passagem* e *Imago*, com o objetivo de mostrar os dilemas éticos que envolvem a relação entre a materialidade dos corpos e as técnicas de intervenção, que varia

conforme os marcadores sociais de diferenças, como gênero, raça e deficiência. O nosso intuito é demonstrar como os enredos, as personagens e os espaços ficcionais de *Xenogênese* abordam as experiências marcadas no corpo.

### **Aspectos extraliterários e literários: trajetória e contexto social e político de Octavia Butler**

Antes de entrarmos no conteúdo da trilogia literária *Xenogênese*, interessa-nos detalhar alguns aspectos da vida de Octavia Butler e situar o contexto histórico, político, econômico, geográfico e cultural em que a autora estava inserida, uma vez que ela teceu críticas agudas ao neoliberalismo estadunidense numa forma literária. Nascida no fim dos anos de 1940 em Pasadena, Califórnia, subúrbio da metrópole de Los Angeles, Octavia Butler cresceu em uma comunidade multiétnica composta de migrantes e imigrantes. Testemunhou o crescimento galopante de complexos industriais impulsionados pela Segunda Guerra Mundial, com a chegada de fabricantes de alta tecnologia e conglomerados científicos ao local, ao mesmo tempo em que presenciou a expropriação e a demolição de bairros e comunidades em processos de urbanização, privatização e controle, que segregaram territorialmente diversas populações.

Octavia Bulter cresceu com a mãe e a avó sob a influência do cristianismo pentecostal, como a Igreja Batista. Em suas entrevistas, a autora mencionou aspectos importantes que estão presentes em todos os seus escritos, como as dificuldades de se socializar, ser extremamente tímida e ter sofrido *bullying* na infância e juventude, por ser negra, ter dislexia e ser muito alta. Em virtude dessas condições, passava a maior parte do tempo na biblioteca pública de Pasadena, local onde teve contato com revistas de ficção científica, como *Amazing Stories*, *Magazine of Fantasy & Science Fiction* e *Galaxy* (Hatch 2009). Na vida adulta, formou-se em artes, com foco em história na Pasadena City College (PCC), começando a publicar seus contos e romances entre 1965 e 1970, após ganhar um concurso de melhores contos enquanto caloura na universidade.

Ainda em relação ao contexto geográfico, histórico e social em que Octavia Butler viveu, é importante mencionar que a financeirização do capitalismo, iniciada nas décadas de 1970 e 1980, fomentou a produção de novas tecnologias, como a nanotecnologia, a biotecnologia, a ciência da cognição e a inteligência artificial (Santos 2003). A região da Califórnia, por abrigar diversos complexos industriais, acabou sendo um polo importante nesse processo. Talvez por viver nesse meio, Octavia Butler teve especial interesse pelo estudo de

organismos vivos, como plantas, animais e humanos. Ela buscou compreender a aplicação das ciências da vida a outras áreas, como ecologia, biologia evolucionária, microbiologia, biotecnologia, ciências biomédicas etc. Para além do interesse em tais campos de conhecimento, a autora abordou com profundidade o tópico da bioética<sup>2</sup> em seus escritos, com especial atenção à aplicação prática de tais técnicas e seus desdobramentos que incidem sobre as relações de poder, como bem observaremos na trilogia *Xenogênese*.

A crítica literária Sami Schalk (2017), ao investigar escritos pessoais, entrevistas públicas e publicações de Octavia Butler, observa que a escritora de ficção científica faleceu jovem em virtude de “efeitos secundários na saúde dos medicamentos para o coração [...], combinados com dislexia, envelhecimento e problemas de saúde anteriores devido à pobreza e falta de acesso a cuidados de saúde, que pareciam excepcionalmente piores nos últimos dois anos de sua vida” (Schalk 2017: 163), significando que “podemos traçar ainda mais a relação íntima de raça, gênero, classe e deficiência na vida de Butler” (Schalk 2017: 160). Therí Pickens, ao analisar a interseccionalidade presente em suas obras, descreve:

três componentes da estética de Butler: conclusões abertas que frustram a coesão narrativa associada à forma do romance, as intrincadas representações de poder que potencialmente alienam o leitor saudável ou capaz e o caos literário que destrói a ideia de fixidez ontológica. Como consequência de minhas discordâncias sobre as críticas de Butler, descobri que seu trabalho não envolve apenas raça, gênero e deficiência no conteúdo, mas também na forma [...] O trabalho de Butler centraliza a interseção de raça, gênero e deficiência, incorporando-a na personificação de seus personagens, de modo que suas histórias são fundamentalmente moldadas pela necessidade de navegar pelas fronteiras escorregadias e tênues entre as várias categorias de identidade (2015: 168, trad. nossa).

Outra questão importante a ser mencionada a respeito de *Xenogênese* é a hipótese levantada pela teórica política Claire Curtis (2015), de que a trilogia é uma utopia crítica, sendo um subgênero da ficção científica. A utopia crítica surgiu com escritores, leitores e acadêmicos influenciados pelos eventos de Maio de 1968, como a eclosão de diversos movimentos de inspiração utópica, com características contraculturais e libertárias, como os movimentos negro, ecológico, feminista, de pessoas com deficiência, LGBT, entre outros. A juventude em especial,

---

<sup>2</sup> De modo geral, a bioética foi desenhada com o objetivo de arbitrar as mudanças que as novas tecnologias trouxeram consigo. Para Melinda Hall (2017), o debate sobre a escolha reprodutiva, direitos, justiça, alocação de recursos e racionalização do uso de tecnologias emergentes, está circunscrito à bioética, cujos assuntos acabam sendo direcionados para o que faz a vida valer a pena e quem deve viver. A bioética produz discursos e se conecta a práticas médicas que regulam quais vozes, corpos, cuidados e necessidades contam.

e a sociedade como um todo enfrentava transformações radicais, como a mudança do modelo de produção capitalista, oscilando em dois modos distintos que coexistiam e se enfrentavam: o capital monopolista e o capitalismo transnacional; a sociedade industrial e a sociedade cibernética pós-industrial; a cultura moderna e a pós-moderna; a participação democrática e a gestão burocrática (Moylan 2014).

Para o crítico literário Tom Moylan (2014), uma das questões centrais da utopia crítica é a consciência das limitações da utopia, de maneira que a criticam enquanto ideal, ao mesmo tempo em que a preservam enquanto horizonte de futuro. O escritor de ficção científica Samuel Delany certa vez mencionou que a utopia crítica pode se apresentar como uma “heterotopia ambígua”, cuja sociedade imaginada é apresentada com suas falhas, problemas e inconsistências e a marca do enredo se dá pela persistência da dominação e da exploração, ainda que situada em cenários que mostrem um “projeto universal de perfeição”, como nas utopias clássicas (Moylan 2014). Desse modo, os romances de utopia crítica se expressam de forma oposicional em relação à cultura e à política, desmascarando tanto o gênero em si quanto a situação histórica do momento em que os escritores estão inseridos.

A crítica literária Dunja Mohr (2007) salienta que com as narrativas feministas de ficção científica produzidas a partir dos anos de 1970 – como as de Joanna Russ, Marge Piercy, Ursula Le Guin e Samuel Delany – as utopias críticas não têm apresentado um desfecho acabado, mas exploram a própria construção de uma visão melhorada e alternativa de sociedade, possibilitando uma interação entre presente e passado ficcional e maior abertura à multiplicidade de perspectivas, com foco na heterogeneidade, na diferença e na diversidade. Com isso, podemos dizer que o enclave utopia/distopia se deslocou para pontos de vista pós-cêntricos, questionando valores humanistas, como o antropocentrismo, o individualismo, a racionalidade e o cientificismo.

### **Xenogênese como futuro pós-humano?**

A trilogia, publicada originalmente como *Xenogênese*, nos anos 2000 passou a ser *Lilith's Brood*, sendo formada por *Despertar* (2018 [1987]), *Ritos de passagem* (2019 [1988]) e *Imago* (2021 [1989]). Cada romance possui seu personagem principal, sendo Lilith no primeiro, Akin no segundo e Jodahs no terceiro. Trata-se da história da “ninhada” de Lilith. O prefixo da palavra *xeno* vem do grego e designa o estrangeiro, o estranho. A artista trans e nômade Adriana Knouf (2021) escreveu um texto sobre as inúmeras possibilidades de uso do

prefixo *xeno*<sup>3</sup>, indicando que tal palavra é metafórica e poética ao mesmo tempo, sendo uma forma de estranhar e alienar o conhecido, o familiar, inclusive a espécie humana.

Nossa hipótese é a de que *Xenogênese* é uma alegoria sobre os novos tempos, o porvir, impulsionado pelo desenvolvimento da biomedicina tecnológica contemporânea. Ao dar forma e desenvolver o conteúdo da trilogia, Octavia Butler inspirou-se no conhecimento da biologia evolucionária e da engenharia genética para criar cenários, paisagens e personagens (KILGORE; SAMANTRAI 2010). Podemos dizer que ela captou de maneira bem articulada as nuances da mudança de racionalidade e das tecnologias de governo de democracias liberais avançadas, como os Estados Unidos da América (EUA), o Canadá, a Europa e a Austrália. As mudanças dizem respeito a práticas biotécnicas que manipulam, modulam e remodelam a vitalidade dos seres vivos por meio da intervenção médica no nível molecular<sup>4</sup> (Rose 2013). Para Nikolas Rose (2013) e Lisa Dowdall (2017), no capitalismo contemporâneo, a vitalidade tornou-se potencial fonte de valor, sendo convertida em biovalor e parte da exploração econômica da biologia que envolve extensas redes de transações no âmbito global.

A trilogia *Xenogênese* possui um formato teológico autopoietico no sentido de contar a história do fim de um mundo e da origem de um novo mundo, começando pela obra *Despertar*. O enredo inicia com o despertar da animação suspensa de uma jovem negra chamada Lilith Iyapo, em uma nave alienígena que orbita em torno da Terra, 250 anos após uma guerra nuclear ter devastado o planeta. O nome Lilith, escolhido por Octavia Butler, remete a mitologias inscritas na antiga Mesopotâmia, em pergaminhos babilônicos, tradições hebraicas e vestígios apagados da bíblia como deusa ou demônio; na tradição cristã é conhecida como “a primeira mulher de Adão”. Em relação à espécie alienígena Oankali, um dos significados do nome é “coletores e comerciantes da vida” (Butler 2019: 40). Eles negociam a si mesmos, permutando a essência, o seu próprio material genético com o de novas espécies. A nave, por sua vez, é um ser vivo que abriga toda a espécie alienígena, sendo conhecida como ente Lo, podendo ser representada simbolicamente como a arca de Noé. Pouco antes da guerra, a protagonista exercia o ofício de antropóloga e havia perdido o marido e o filho em um acidente de carro.

---

<sup>3</sup> Knouf abre o manifesto sobre o xeno da seguinte maneira: “Xenologia: o estudo, a análise e o desenvolvimento do estranho, do alien, do outro. Xenologista: aquele que estuda o xeno. Um termo de ficção científica, um termo de fato científico”. (2021, p. 5, *trad. nossa*)

<sup>4</sup> A vitalidade torna-se visível no nível microscópico, em que tecidos, células e fragmentos do DNA são visualizados, identificados, mobilizados, isolados, decompostos, recombinados, armazenados em banco de dados, comercializados, permutados e transportados através do tempo, do espaço, dos órgãos e das espécies (ROSE, 2013).

Cativa dos seres alienígenas Oankali, a personagem tem o primeiro encontro com seu captor, Jdahya, sentindo repulsa extrema, ao perceber que este ser alienígena possui aspectos humanoides com tentáculos/órgãos sensoriais por todo o corpo, assemelhando-se a “criaturas marinhas, embora sejam bípedes” (Butler 2018: 178). Os Oankali são retratados como seres benevolentes, pacientes e avessos à hierarquia, embora ambiciosos. Até se acostumar com a sua presença, Lilith questiona qual é o preço do resgate. Descobre que tem a missão de despertar outros humanos sobreviventes da catástrofe e (re)povoar o planeta quando reabilitado. Ela constata que os Oankali são seres nômades e híbridos que viajam pelo espaço intergaláctico em busca de outros seres sencientes para a permuta genética necessária à sobrevivência da própria espécie, composta por machos, fêmeas e Ooloi (nem macho nem fêmea); objetivam criar uma nova sociedade híbrida, de humanos e oankalis, os *constructos*. Entre os Oankali, todos têm a habilidade de decifrar a bioquímica genética, mas somente os Ooloi podem manipulá-la para transferir os genes, fazendo a conexão entre si, os parceiros reprodutores intraespecíficos e de diferentes espécies.

Lilith percebe que os Oankali possuem a capacidade de manipular geneticamente quando observa uma cicatriz em sua barriga, descobrindo que os Ooloi retiraram um tumor enquanto estava sob animação suspensa. Ela “imaginou seres humanos moribundos, enjaulados, cada gemido ou torção sendo observado atentamente. Imaginou a dissecação das cobaias vivas bem como as mortas. Imaginou doenças tratáveis percorrendo seus cursos terríveis a fim de que ooloi aprendessem” (Butler 2018: 33). Porém, ao contrário do que imaginou, Lilith compreendeu que, por meio do contato de órgãos sensoriais específicos, os Ooloi conseguiram manipular tudo o que era orgânico, desde organelas, células, bactérias, vírus, plantas, animais, humanos e outras inúmeras espécies ou seres vivos. Nesse quadro, Octavia Butler fez alusão à história real de Henrietta Lacks, mulher negra estadunidense que, em 1951, com câncer no colo do útero e pouco antes de morrer, teve seu tecido retirado por médicos sem o seu consentimento ou da família (Dowdall 2017). A família teve que entrar na justiça e lutar durante muitos anos por reparação financeira, uma vez que as células de Henrietta revolucionaram a biotecnologia e renderam altos lucros para os laboratórios e indústrias farmacêuticas.

Para Lisa Dowdall (2017), a viagem intergaláctica dos Oankali em busca da permuta genética retrata uma negociação colonial. Ao explicarem a Lilith, eles indicaram que se tratava de um “intercâmbio comercial”, porque a espécie humana estava fadada a perecer em virtude da Contradição Humana, por suas características genéticas incompatíveis, como a inteligência

e a tendência a estabelecer hierarquias que, combinadas, eram fatais, seja pela destruição ou autodestruição. Os termos propostos pelos Oankali aos humanos eram o aumento da expectativa de vida, o melhoramento da saúde e a erradicação da Contradição Humana; por outro lado, os Oankali, ao descobrirem o “talento” humano do câncer extraído de Lilith, poderiam diversificar a própria espécie por meio da maleabilidade corporal controlada, para se parecerem mais fisicamente com potenciais parceiros e regenerar membros perdidos. Para os Oankali, tratava-se de uma questão evolucionária simbiótica interespecífica, que beneficiaria ambas as espécies através da interdependência, formada por uma complexa teia de inter-relações e arranjos familiares, enquanto Lilith comparou o comportamento dos Oankali diante dos humanos com o tratamento da humanidade dado aos animais, ao se imaginar gerando filhos com outra espécie:

Na realidade, ela era um animal de laboratório. Não um animal de estimação [...] Ela estava destinada a viver e a se reproduzir, não a morrer. Animal de laboratório, progenitora de animais domésticos? Ou de... animais quase extintos, parte de um programa de reprodução em cativeiro? Biólogos humanos tinham feito aquilo antes da guerra, usando alguns poucos membros cativos de uma espécie ameaçada de extinção para gerar outros para a população selvagem. Será que ela caminharia para isso? Inseminação artificial forçada. Maternidade por substituição? Drogas para a fertilidade e ‘doações’ forçadas de óvulos? Implantação de óvulos fertilizados alheios. Separação das crianças de suas mães no nascimento... Os seres humanos tinham feito essas coisas com procriadores cativos, tudo por um bem maior, obviamente. (Butler 2018: 84)

Os Oankali, ao analisarem o passado da humanidade por meio da observação de padrões e combinações genéticas, escolhem Lilith para instruir e convencer os outros humanos a aceitarem a oferta. Dentro do limite das possibilidades de escolha, ela recebe a tarefa de cuidar, conviver, ensinar e aprender com Nikanj, uma criança Ooloi, até o momento da metamorfose – esse tópico será tratado mais à frente –, para despertar outros seres humanos e encaminhá-los de volta a Terra. Nikanj seria o futuro parceiro ooloi de Lilith, que faria a interconexão entre as espécies para gerar descendentes híbridos. Ao despertá-los da animação suspensa e contar sobre os termos de negociação propostos pelos Oankali, Lilith viu-se em situação de vulnerabilidade e em conflitos violentos, por se dar conta de que era considerada “a cabra que guia o rebanho” (Butler 2018: 328), quando confrontada por humanos recém-despertos, que desconfiavam dela pelo fato de ter sido a primeira a despertar, por saber a língua alienígena e ter convivido por mais tempo com os Oankali. Aceitou que Nikanj a modificasse geneticamente, para que fosse

mais forte, se movimentasse com facilidade, curasse rápido e pudesse abrir paredes, com o objetivo de se proteger da agressão dos humanos, especialmente dos homens.

Os humanos não aceitaram os termos do comércio de genes proposto pelos oankalis e consideraram que Lilith traiu a própria espécie, matando Joseph, seu novo companheiro. Após o incidente, os humanos foram enviados a Terra sem ela. Nikanj “previu”, por meio do toque e da reação bioquímica, que Lilith estava pronta para ter um filho e utilizou o DNA de Joseph, engravidando-a da primeira criança *constructo*, híbrido de oankalis e humanos. Octavia Butler nos faz imaginar em situações e espaços de desconforto, com o objetivo de estabelecer uma “pedagogia do tabu” (Bartley 2020: 239), isto é, somos educadas junto com a protagonista, quando a escritora trata da ambivalência entre coerção e consentimento. A interdição da agência imposta à personagem demonstra a manipulação e o controle do corpo humano quase completo por oankalis, lembrando processos que envolvem estupro, bem como situações da relação médico-paciente no regime biopolítico contemporâneo, como o acesso a informações privilegiadas, a omissão, o uso de drogas, o engano e a limitação de escolhas.

Dowdall (2017), Melzer (2006) e Parker (2020) consideram que Lilith, em virtude da relação ambígua com os oankalis, e por ter ancestrais que viveram situações semelhantes, ainda que em contextos históricos distintos, teve um posicionamento contra-hegemônico em relação aos recém-despertos, no sentido de compreender que a mudança, a adaptação e a sobrevivência eram as principais formas de resistência (Kilgore; Samantrai 2010), ao invés da oposição frontal, “heroica” e masculina levada a cabo pelo grupo de humanos que rejeitou a proposta de permuta genética. Como consequência dessa ação, os oankalis esterilizaram os humanos, alegando que eram perigosos demais para eles mesmos e para o planeta em reabilitação. Desse modo, “a resistência de Lilith transcende a falsa dicotomia da escravidão ou simbiose, revelando como raça e espécie são categorias que as mulheres negras sempre tiveram que renegociar dentro dos sistemas biopolíticos nos quais seus corpos são construídos – muitas vezes por meio do discurso científico – como unidades de valor” (Dowdall 2017: 511, *trad. nossa*).

O segundo volume de *Xenogênese, Adulthood Rites*, passa-se no planeta Terra em reabilitação e narra a história do ponto de vista de Akin, filho *constructo* de cinco progenitores: dois humanos, Lilith e Joseph e três oankalis, Ahajas (fêmea), Dichaan (macho) e Nikanj (ooloi), com uma aparência quase humana, com exceção da língua acinzentada. Ele nasce na Terra, em um assentamento conhecido como Lo, no qual convivem oankalis e um grupo de

humanos que permaneceu com os alienígenas. Trata-se de um romance de formação e também sobre o pertencimento de Akin (Butler 2019: 366). A visão de mundo de Akin é atravessada por experiências como o desamparo físico, a (des)conexão familiar, o desconforto em relação ao próprio corpo, ao mesmo tempo em que somos levados a conhecer a profusão dos sentidos humanos e os sentidos Oankali. Embora ele se pareça totalmente humano, sua língua funciona e age como um tentáculo sensorial Oankali, com a função de transmitir dados, se comunicar via transmissão bioquímica com membros Oankali e coletar informações biológicas e genéticas sobre qualquer pessoa ou coisa viva com a qual interaja.

Quando Akin fica próximo do momento da metamorfose – momento em que fica bastante vulnerável porque dorme profundamente devido a mudanças biológicas, físicas e psicológicas –, é sequestrado por humanos rebeldes, que o vendem aos resistentes de uma aldeia distante chamada Fênix. Lilith e seus parceiros Oankali decidem deixar Akin conviver com os humanos. Ele “fora abandonado com os rebeldes [...], para poder estudá-los como nenhum adulto poderia, como nenhum *constructo* nascido Oankali poderia, como nenhum *constructo* que não parecesse Humano o bastante poderia” (Butler 2019: 308-309).

Em uma perspectiva pós-colonial, Aparajita Nanda (2011) pontua que Akin provoca um deslocamento do mimetismo (*mimicry*), encarnando o “pós-humanismo crítico”, que vê o outro em si mesmo, quando passa a conviver com os humanos da comunidade de Fênix, ao lidar com dimensões ético-políticas complexas, como as consequências da eugenia que os Oankali impuseram aos humanos rebeldes, impedindo-os de gerar descendentes. Ao ir à nave alienígena para conhecer seus parentes Oankali, Akin passa por um processo de formação de dupla consciência: a dicotomia colonizador/colonizado encarnada em sua existência, como podemos observar em um diálogo com o seu progenitor Dichaan, Oankali: “Nikanj diz que os humanos são simbioses e você acredita que nós somos predadores”. Akin responde: “o que somos nós se fazemos isso com povos inteiros? Não somos predadores? Não somos simbioses? O que então?” (Butler 2019: 265-266).

Com a habilidade de entender o ponto de vista dos Oankali sobre a Contradição Humana, Akin os convence a permitir que humanos voltem a ser férteis e vivam sozinhos entre eles com a condição de regenerar o planeta Marte, dado que em gerações posteriores o planeta Terra teria seus recursos esgotados pela espécie alienígena, com o objetivo de dar continuidade à permuta genética em outras galáxias ou planetas. Ainda que os oankalis tenham aceitado a proposta de Akin, consideravam que devolver a fertilidade aos humanos era cruel: “você e

aqueles que os ajudarem darão a eles ferramentas para criar uma civilização cuja autodestruição é tão certa como é certo que a força gravitacional manterá seu novo mundo em órbita ao redor do sol” (BUTLER 2019: 310). Akin, ao voltar da nave e se deparar com as condições da aldeia Fênix, reflete sobre a decisão de permanecer com os humanos:

Eles não estavam se matando uns aos outros por causa da decisão a respeito de Marte, mas estavam matando uns aos outros. Sempre parecia haver uma razão para os Humanos se matarem. Ele lhes daria um novo mundo, um mundo difícil, que exigiria cooperação e inteligência. Sem isso, esse mundo certamente os mataria. Será que Marte poderia distraí-los por tempo suficiente para que conseguissem criar uma saída para sua Contradição? (Butler 2019: 335)

A agência pós-humana de Akin lhe permitiu lidar com a contradição entre a visão determinista genética dos Oankali e o comportamento hierárquico dos humanos, cujo ensinamento sobre como lidar com essa condição foi passado por sua mãe, Lilith:

– Os seres humanos têm medo da diferença – Lilith lhe dissera uma vez. – Os Oankali anseiam pela diferença. Os humanos perseguem aqueles que são diferentes, e ainda assim precisam deles para atribuírem a si mesmos uma definição e uma posição. Os Oankali buscam a diferença e a acumulam. Precisam dela para se manterem longe da estagnação e da especialização excessiva. Se você não compreende isso, um dia compreenderá. Provavelmente encontrará as duas tendências vindas à tona em seu próprio comportamento [...] Quando você pressentir um conflito, tente agir do jeito oankali. Acolha a diferença (Butler 2019: 112)

Outra questão que merece destaque em relação à Contradição Humana presente em *Xenogênese* é que os Oankali consideram a humanidade como uma espécie com deficiência devido à condição genética que combina inteligência e hierarquia, levando-os a esterilizá-los. Desse modo, Octavia Butler traçou paralelos com a biopolítica do início do século XX, como a eugenia praticada pelos nazistas, que submeteu milhares de doentes e pessoas com deficiência a experimentos científicos como a esterilização forçada, o aborto, a eutanásia e o extermínio (KUDLICK 2003; FRANÇA 2014). Os alvos das políticas governamentais eram indivíduos considerados “degenerados”, como pessoas asiáticas/indígenas/negras, com doenças transmissíveis, doenças psíquicas, com “taras hereditárias” (pobreza, criminalidade, alcoolismo), deficiências, mulheres e crianças, que tinham a finalidade de prevenir ou diminuir as possibilidades de poluir o *pool* reprodutivo da nação com a transmissão das características

hereditárias consideradas inferiores (Mitchell; Snyder 2006). É importante mencionar que tais práticas não se restringiram somente ao nazismo; foram aplicadas em diversos regimes de governo, sejam eles liberais, autoritários ou democráticos, como Canadá, EUA, Peru, entre outros.

O enredo de *Imago* (2021) começa entre o primeiro e o segundo processo de metamorfose de Jodahs, personagem central, sendo o primeiro *constructo* Ooloi nascido de humanos e oankalis; é filho caçula de Lilith, Tino, Nikanj, Dichaan e Ahajas, que são idosos, embora com aparência jovial. Por não ser nem macho nem fêmea, Jodahs se define não-binário. Seu corpo muda constantemente de forma, dependendo do ambiente em que estiver, para se assemelhar à imagem ideal de quem quer que esteja próximo. Além de possuir poucos tentáculos sensoriais, sendo possível escondê-los com agilidade e facilidade, ele não tem traços físicos precisos que possam ser vistos como marcadores de miscigenação ou descendência (KELLEY 2021).

Jodahs, sendo Ooloi, é impelido a se acasalar com humanos, produzindo feromônios capazes de manipular emoções humanas, para facilitar a atração de um possível acasalamento e a geração de descendentes, com o intuito de diversificar as espécies. Além disso, ele possui uma “fome” pela cura, isto é, pela manipulação genética, tornando-o perigoso para a própria espécie *constructo*: “subadultos [ooloi] podiam não apenas curar ou causar doenças, mas também realizar mudanças genéticas, mutações, em plantas e animais. Podiam ser intencionalmente fatais, alterando insetos e micro-organismos de jeitos inesperados” (Butler 2021: 43). Jodahs é considerado por Nikanj e outros membros da própria espécie como uma “falha”, ou um erro, pois era o primeiro *constructo* nascido ooloi, não sendo desejado tão cedo pelos Oankali. Por causa dessa condição, poderia ser exilado na nave e ser institucionalizado como medida de controle social. A família extensa de Jodahs resolve fugir, refugiando-se no interior da floresta, para que ele pudesse terminar o processo de metamorfose na Terra, até que Aaor, par fraterno de Jodahs, também entra em metamorfose, tornando-se também ooloi.

Jodahs perambula sozinho pela floresta em busca de rebeldes para acasalar, até que encontra dois irmãos humanos, Jesusa e Tomás, que possuem múltiplas deficiências, causadas por uma doença genética similar à neurofibromatose. Ele descobre que ambos eram férteis e que a doença genética se espalhou na comunidade em que viviam devido à consanguinidade, sendo provável que os ooloi tenham controlado o distúrbio genético, mas não o corrigido. Ao se relacionar com os dois irmãos, Jodahs os cura. A ansiedade dos ooloi pela cura vai além do

desejo de mudar e consertar doenças ou deficiências; trata-se de uma aspiração de mudança da razão ou da própria natureza (Curtis 2015).

A comunidade situada no alto das montanhas de humanos férteis aos quais pertencem Jesusa e Tomás é formada, em sua maioria, por pessoas com deficiência e doenças degenerativas. Seus membros valorizavam a deficiência por serem criadores de uma nova geração de humanos sem a presença dos Oankali, além de significar liberdade e autonomia do próprio corpo. Porém, as mulheres do grupo são forçadas a procriar até que não possam mais gerar filhos, seja por serem idosas, por morrerem no parto ou por estarem doentes (Hinton 2018). Jodahs e Aor têm contato com a comunidade, especialmente com Santos, um jovem com nanismo e deformidades na pele, causadas por genes incomuns, que vive isolado do restante devido à condição genética distinta da comunidade a que pertence. Ann Hinton (2018) pontua que Santos era desqualificado não por causa da deficiência, mas por ela ser a norma e ele não se enquadrar nos padrões biológicos e físicos estabelecidos pela comunidade. A autora recupera Rosemare Garland-Thompson e Simi Linton, para demonstrar como determinado grupo ou comunidade molda a experiência do sujeito com deficiência, situando-a como uma identidade socialmente partilhada, e não apenas como uma condição física que difere da norma.

Ann Hinton (2018) identifica que a aldeia de Jesusa e Tomás pode ser referência à formação dos quilombos no Brasil ou comunidades *Maroons* na época da escravidão transatlântica nos EUA, Caribe e América do Sul, com três características similares, como: viver em segredo, controle da presença de estranhos e isolados em lugares de difícil acesso. Com o isolamento, desenvolveram seus próprios costumes, crenças, valores e mitos, como a lenda da “Primeira Mãe”, que deu origem à civilização local e transmitiu seus genes às gerações posteriores. A deficiência, para eles, é “uma forma radical de resistência a serviço da liberdade” (Hinton 2018: 119, *trad. nossa*).

Em *Imago*, o encontro entre os Oankali, os *constructos* e os humanos da comunidade das montanhas se deu com a cura das doenças e deficiências, que só foi aceito pelos humanos porque a Terra se tornaria inabitável em algumas gerações, restando apenas um núcleo rochoso, “uma grande massa de matéria para a mineração, mas não para a sobrevivência” (Butler 2021: 166), com o objetivo de nutrir naves imensas e autossustentáveis, e a jornada da permuta genética com outras espécies continuaria em algum outro planeta ou galáxia.

## Considerações finais

A trilogia *Xenogênese* aborda uma variedade de temas relacionados à materialidade histórica e social dos corpos – que institui a identidade, a diferença e a agência – tecendo, em um denominador comum, críticas às novas roupagens que dão continuidade ao projeto de exploração colonial capitalista da virada do século XX ao XXI. Como bem demonstrado por Nikolas Rose (2014), as sociedades capitalistas e ocidentais testemunharam investimentos pesados do mercado em intervenções moleculares no campo da biotecnologia, significando que a formação das subjetividades contemporâneas está ligada à linguagem, às práticas e ao conhecimento da biologia e da medicina. Nesse sentido, Octavia Butler extrapola a ficção ao demonstrar com detalhes como opera o processo de assimilação (neo)colonial biomédico via seleção genética, reprodução humana, racismo científico e eugenia.

No primeiro volume pudemos observar como a humanidade é confrontada por demandas e escolhas difíceis: ou a extinção ou a transformação, proposta pelos alienígenas Oankali, com a permuta genética para gerar seres híbridos, os *constructos*. O futuro pós-humano do enredo se apresenta de maneira terrível, em que a subjetividade tipicamente humana é desmontada, a integridade corporal é violada e as fronteiras das identidades são borradas. Com Lilith sendo a personagem principal, vimos como as situações enfrentadas por ela de certa forma lhe eram familiares, dado que historicamente raça, espécie e gênero foram mobilizados pelas práticas coloniais para converter os corpos negros e femininos em biovalor, possibilitando-lhe elaborar estratégias de sobrevivência (Kilgore; Samantrai 2010).

Em *Despertar*, quando os Oankali detalham os termos do comércio de genes, explicam a Lilith que a extração do câncer possibilitaria o aprimoramento genético da própria espécie, inclusive a humana, pelo aumento da expectativa de vida, a cura, o melhoramento da saúde e a regeneração de membros perdidos. Com esses exemplos, podemos perceber que Octavia Butler dialoga com questões ligadas à bioética, cujo campo envolve disputas políticas de diversos atores sociais em torno de projetos para o futuro. Dentre eles se destacam os entusiastas do discurso do aprimoramento, localizando-se na área da filosofia transhumanista.

A filósofa Rosi Braidotti (2015) indica que o transhumanismo é parte do projeto de continuidade da ontologia humanista, em que intelectuais, cientistas e ativistas apostam no desenvolvimento radical das “potencialidades humanas”, a partir da concepção de que seria preciso erradicar todas as doenças, a pobreza, as dores, as deficiências, o envelhecimento e inclusive a morte, por meio de ações respaldadas em teorias que buscam transcender a

materialidade corporal. Além disso, ele é parte de um movimento político que possui diversas correntes, ideologias e ramificações. A filósofa Melinda Hall (2017), por sua vez, indica que o transhumanismo opera por meio do desempenho da redução biológica, se engajando em uma lógica biopolítica, isto é, ele reduz as questões que exigem mudanças sociais à discussão da alteração do corpo e da rejeição aos corpos desviantes, com destaque às pessoas com deficiência.

No segundo volume, *Ritos de passagem*, o tema do hibridismo e/ou miscigenação racial é central na narrativa com Akin, filho *constructo* de Lilith. A autora problematiza a formação do pós-humanismo crítico (Nanda 2011), com a ambivalência colonizador/colonizado encarnada em Akin. De Witt Kilgore e Ranu Samantrai (2010) chamam a atenção para o fato de que as comunidades que Octavia Butler cria são compostas, em sua maioria, por indivíduos e famílias que compartilham estranhezas que constituem as diferenças culturais, raciais e interespecíficas. Para ambos os autores, a escritora coloca a sensibilidade afrocentrada em primeiro plano, porém não projeta a sobrevivência política e social de comunidades tradicionalmente racializadas – ou com deficiência como em *Imago* –, indicando que a “insistência no hibridismo para além do ponto de desconforto não torna o trabalho de Butler num batedor do nacionalismo cultural negro, nem numa acomodação ao pluralismo liberal dominado pelos brancos. Ela excede nossas maneiras comuns de definir e resolver a política racial” (Kilgore; Samantrai 2010: 357), inclusive a política para pessoas com deficiência, significando que ela considera o pós-humanismo crítico como potencial para o entendimento de que a alteridade precede a identidade.

Em *Imago*, o personagem *constructo* Jodahs é ooloi, ou seja, nem macho nem fêmea. Ele é impelido a se acasalar com humanos e oankalis, mudando constantemente de forma, para assemelhar-se à imagem ideal de quem quer que esteja próximo. Além disso, ele possui uma “fome” pela cura e pela regeneração de membros perdidos, levando-o a encontrar diversas comunidades e indivíduos na floresta em que se refugia, até que encontra um grupo inteiramente formado por pessoas com doenças e deficiências. Ao colocar o tópico da obsessão pela cura em primeiro plano, Octavia se utiliza dos recursos literários da utopia crítica para explicitar seu incômodo com os projetos de futuro no momento de sua escrita, como o surgimento da utopia transhumanista nos anos de 1980, que é inversa às utopias de um modo geral. O transhumanismo, por meio do aprimoramento genético, procura manejar os “riscos” da deficiência para que o sujeito pós-humano seja invulnerável. Nesse sentido, a escritora nos

alerta para a possibilidade de despontar-se, no horizonte, uma “nova eugenia” orientada pelo mercado biomédico.

## Referências

BARTLEY, Aryn. 2020. A Space for Discomfort: Octavia E. Butler and the Pedagogy of the Taboo. In: *The Bloomsbury Handbook to Octavia E. Butler* (Ed). HAMPTON, Gregory; PARKER, Kendra. London: Bloomsbury Publishing.

BRAIDOTTI, Rosi. 2015. *Lo Posthumano*. Barcelona: Gedisa editorial.

BUTLER, Octavia. 2018. *Despertar*. In: *Xenogênese* vol. 1. São Paulo: Morro Branco.

BUTLER, Octavia. 2019. *Ritos de passagem*. In: *Xenogênese* vol. 2. São Paulo: Morro Branco.

BUTLER, Octavia. 2021. *Imago*. In: *Xenogênese* vol. 3. São Paulo: Morro Branco.

COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. 2020. *Contracartilha de acessibilidade: reconfigurando o corpo e a sociedade*. ABA; ANPOCS; UERJ; ANIS; CONATUS; NACI: Brasília; São Paulo; Rio de Janeiro. 14p.

CURTIS, Claire. Utopian Possibilities: Disability, Norms, and Eugenics in Octavia Butler’s Xenogenesis. *Journal of Literary & Cultural Disability Studies*, v. 9. n. 1, 2015.

DOWDALL, Lisa. 2019. Treasured Strangers: Race, Biopolitics, and the Human in Octavia E. Butler's Xenogenesis Trilogy. *Science Fiction Studies*, 44(3): 506-525.

FRANÇA, Thiago. 2014. A normalidade: uma breve introdução à história social da deficiência. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 6(11).

GOMEL, Elana. 2014. *Science Fiction, Alien Encounters, and the Ethics of Posthumanism. Beyond the Golden Rule*. Hampshire: Macmillan Publishers Limited.

KELLEY, Adam. *Imago: Jodahs*. In: <<https://wordpress.clarku.edu/mixlit/jodahs/>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

KILGORE, De Witt; SAMANTRAI, Ranu. 2010. A Memorial do Octavia Butler. *Science Fiction Studies*, vol. 37(3): 353-361.

KNOUF, Adriana. Fragments of Xenology. *Part of the occasional tranxxeno lab pamphlet series*, 2021. Disponível em <<https://tranxxenolab.net>>.

HALL, Melinda. 2017. *The bioethics of enhancement: transhumanism, disability, and biopolitics*. Lanham: Lexington Books.

HATCH, Dorantes. 2009. *Encyclopedia of African-American Writing*, 2ª ed. Amenia, Nova Iorque: Grey House.

HINTON, Ann. 2018. *Refusing to Be Made Whole: Disability in Contemporary Black Women's Writing*. Dissertação de mestrado. Southern Methodist University. Dallas.

- KUDLICK, Catherine. 2003. *Disability History: Why We Need Another “Other”*. American Historical Review.
- MELZER, Patricia. 2006. *Alien Constructions: Science Fiction and Feminist Thought*. Austin: University of Texas Press.
- MENDES, Enicéia; PICCOLO, Gustavo. 2013. Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência. *Educ. Soc.*, Campinas, 34(123): 459-475. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>, visto em 14 de out. 2020.
- MITCHELL, David; SNYDER Sharon. 2006. *Cultural Locations of Disability*. The University of Chicago Press, Ltd., London.
- MOYLAN, Tom. 2014. *Demand the impossible: Science Fiction and The Utopian Imagination*. (Ed.) BACCOLINI, Raffaella. Bern: Peter Lang.
- NANDA, Aparajita. 2011. Re-writing the Bhabhian “Mimic Man”: Akin, the Posthuman Other in Octavia Butler’s *Adulthood Rites*. *Ariel Journal*, 41(3-4): 115–135.
- NODARI, Alexandre. 2015. A literatura como antropologia especulativa. *Revista da Anpoll*, 38:75-85.
- MOHR, Dunja. 2007. Transgressive Utopian Dystopias: The Postmodern Reappearance of Utopia in the Disguise of Dystopia. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik (ZAA)*, 55.1: 5-24.
- PARKER, Kendra. 2020. *I’m not the vampire he is; I give in return for my taking”: Tracing Vampirism in Octavia E. Butler’s Xenogenesis Trilogy*. In: *The Bloomsbury Handbook to Octavia E. Butler* (Ed). HAMPTON, Gregory; PARKER Kendra. Bloomsbury Publishing Plc.
- PICKENS, Therí. 2015. *Octavia Butler and the Aesthetics of the Novel*. *Revista Hypatia*, 30(1).
- ROSE, Nikolas. 2013. *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. Ed. Paulus: São Paulo.
- SAER, Juan José. 2004. *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Seix Barral.
- SANTOS, Laymert. 2003. *Politizar as novas tecnologias. O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. Ed. 34: São Paulo.
- SCHALK, Sami. 2017. Experience, Research, and Writing: Octavia E. Butler as na Author of Disability Literature. *Palimpsest: A Journal on Women, Gender, and the Black International*, 6(2):153-177.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & DANOWSKI, Déborah. 2014. *Há Mundo Por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Cosac Nayfi, São Paulo.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; MACEDO, Eric; DANOWSKI, Deborah. Antropologia especulativa nos tempos do Antropoceno: o caso da ficção científica. *Curso Antropologia e Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional (UFRJ)*.